

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Debatendo relações étnico-raciais no Brasil através do cinema: a experiência do Sala de Cinema UEFS em 2020

Debating ethnic-racial relations in Brazil through the cinema: the experience of the UEFS Cinema Room in 2020

Debate relaciones étnico-raciales em Brasil a través del cine: la experiencia de la Sala de Cine UEFS em 2020



Alex Santana França

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

asfranca@uefs.br



Maria Aparecida Prazeres Sanches

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

mapsanches@uefs.br



Ivone Maia de Mello

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

ivonemaia@uefs.br



Matheus Guimarães Costa

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

guimaraesmc7@gmail.com

Resumo: O debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil ainda é extremamente necessário, diante da permanência do racismo no país. Sendo assim, diferentes estratégias que fomentem reflexões sobre o assunto e ações concretas de combate devem ser estabelecidas a exemplo da universidade. Este relato de experiência visa apresentar os resultados dos eventos organizados ao longo do ano de 2020 pelo Sala de Cinema UEFS, atividade de extensão universitária, que abordaram esta temática. A metodologia adotada envolve o relato de experiência e a pesquisa

bibliográfica, que inclui referências da Psicanálise, dos Estudos Culturais e da Sociologia. Os cines debates promovidos demonstraram o quanto as hierarquias de raça e gênero, manifestadas pelo racismo, produzem mecanismos de violência e exclusão social, atestando a pertinência do uso do cinema como forma de produzir uma crítica contundente, além de promover ações efetivas de rompimento delas.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Cinema e estudos culturais. Extensão universitária.

Abstract: The debate on ethnic-racial relations in Brazil is still extremely necessary, given the permanence of racism in the country. Therefore, different strategies that encourage reflections on the subject and concrete combat actions must be established, following the example of the university. This experience report aims to present the results of events organized throughout 2020 by the UEFS Cinema Room, a university extension activity, which addressed this theme. The methodology adopted involves the report of experience and bibliographical research, which includes references from Psychoanalysis, Cultural Studies and Sociology. The debates cines promoted demonstrated how the racial and gender hierarchies, manifested by racism, produce mechanisms of violence and social exclusion, attesting to the pertinence of the use of cinema as a way to produce scathing criticism, in addition to promoting effective actions to break them.

Keywords: Ethnic-racial relations. Cinema and cultural studies. University Extension.

Resumen: El debate sobre las relaciones étnico-raciales en Brasil sigue siendo extremadamente necesario, dada la permanencia del racismo en el país. Por ello, se deben establecer diferentes estrategias que incentiven la reflexión sobre el tema y acciones concretas de combate, siguiendo el ejemplo de la universidad. Este relato de experiencia tiene como objetivo presentar los resultados de los eventos organizados a lo largo de 2020 por la Sala de Cine UEFS, una actividad de extensión universitaria, que abordó esta temática. La metodología adoptada implica el informe de experiencia y la investigación bibliográfica, que incluye referencias del Psicoanálisis, Estudios Culturales y Sociología. Los debates promovidos por los cines

demonstraron cómo las jerarquías raciales y de género, manifestadas por el racismo, producen mecanismos de violencia y exclusión social, dando fe de la pertinencia del uso del cine como forma de producir una crítica mordaz, además de promover acciones efectivas para romper ellos.

Palabras clave: Relaciones étnico-raciales. Cine y estudios culturales. Extensión Universitaria.

Data de submissão: 03/06/2021

Data de aprovação: 20/08/2021

Introdução

O debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil, apesar de não ser novidade, ainda é extremamente necessário, diante da permanência do racismo e das desigualdades sociais, econômicas e culturais evidentes entre diferentes grupos étnicos no país. Sendo assim, diferentes estratégias e iniciativas que fomentem reflexões sobre o assunto e ações concretas, de combate a qualquer forma de preconceito, devem ser estabelecidas em variados espaços, como a universidade, por exemplo. Nesse sentido, o Sala de Cinema UEFS, atividade vinculada ao Projeto de Extensão Cinema: subjetividade, cultura e poder (CONSEPE 113/2011), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foi criado em 2011, justamente no intuito de oportunizar a aproximação entre a sociedade civil e o ambiente acadêmico, ação recorrente da extensão universitária, nesse caso, aliando cinema, estudos culturais e educação. Em 2021, inclusive, o projeto completou 10 anos de existência, renovando sua equipe e ampliando a sua abrangência, que agora inclui três eixos de atuação: 1. Sexualidades e gênero, coordenado pela Professora Dra. Maria Aparecida Prazeres Sanches, docente da Área de História; 2. Educação e Decolonialidade, coordenado pelo Professor Dr. Alex Santana França, docente da Área de Prática de Ensino de Língua Portuguesa, do Departamento de Educação e 3. Subjetividade e Cultura, coordenado pela Professora Dra. Ivone Maia de Mello, da Área de Psicologia, que, junto com o eixo 1, estão ligados ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, todos da Universidade Estadual de Feira de Santana. A proposta deste relato de

experiência é apresentar os resultados dos eventos organizados ao longo do ano de 2020 que abordaram a temática das relações étnico-raciais e suas convergências com identidades de gênero, sexualidades e relações etárias através de produções audiovisuais contemporâneas brasileiras e estrangeiras.

Acreditamos que o cinema pode ser uma ferramenta educativa cheia de potencialidades, servindo não só entreter, mas também para informar, conscientizar, fomentar o senso crítico e oferecer novas narrativas, novas estéticas e diferentes formas de lidar com conflitos pessoais e coletivos. O crítico e historiador francês Michel Martin afirma que o cinema, “tornado linguagem graças a uma escrita própria, que se encarna em cada realizador sob a forma de um estilo” (MARTIN, 2005, p. 22), configura-se como importante meio de comunicação, de informação e de propaganda, o que não contradiz ou diminui sua qualidade enquanto obra artística. Partindo da premissa de que o cinema “é também uma maneira de se organizar e de se refletir sobre o mundo”(TAVARES, 2021, p. 2), que o filme é “um dos mais importantes repositórios de imagens a que podemos ter acesso” (TAVARES, 2021, p. 2), e que “tem servido, desde o início, para organizar a nossa experiência do mundo” (TAVARES, 2021, p. 2), defendemos que estudá-lo pode ajudar a compreender melhor determinadas construções do imaginário de um país, de um povo ou de uma cultura. Assim, os cine debates promovidos no período em destaque, marcado em especial pela pandemia mundial de Covid-19 e de intensificação dos conflitos étnico-raciais no Brasil, visaram ressaltar o quanto as hierarquias de raça e gênero, manifestadas pelo racismo, machismo e

misoginia, produzem mecanismos de violência e exclusão social, atestando a pertinência do uso do cinema como forma de produzir uma crítica contundente acerca dessas estruturas de dominação, além de promover ações efetivas de rompimento delas.

Concebidos desde seu início como uma atividade presencial, no entanto, em 2020, devido ao período de pandemia de Covid-19, que resultou na interrupção de todas as ações presenciais, os encontros passaram a ocorrer no formato on-line, através do Google Meet. Além do novo coronavírus, que acentuou ainda mais os contrastes sociais do Brasil, com suas expressivas desigualdades internas, muitas delas intensificadas e estruturadas pelo racismo estrutural e institucional implantados historicamente e impregnados na sociedade brasileira, o ano de 2020 também foi marcado por inúmeros episódios de violência acometida a homens negros e mulheres negras, que enfatizam o longo histórico de misoginia, racismo e segregação decorrentes de séculos de colonização europeia e de escravização de pessoas negras e indígenas. Sendo este

um sistema estruturante, gerador de comportamentos, práticas, crenças e preconceitos que fundamentam essas desigualdades evitáveis e injustas entre grupos sociais e baseadas na raça e etnia, de forma institucional, ele obstrui o acesso a bens, serviços e oportunidades, estando subjacente às normas que orientam as ações destas instituições (GOES, 2020).

Nesse sentido, ao longo da programação de cine debates promovidos pelo Sala de Cinema, em 2020, muitos deles abordaram especificamente discussões sobre as relações étnico-raciais e seus entrelaçamentos com identidades de gênero e sexualidades, principalmente

dentro do contexto brasileiro, mas também a partir de outras experiências em produções audiovisuais estrangeiras.

A fim de relatar essa considerável experiência, na seção a seguir, descreveremos um pouco do planejamento e dos cines debates promovidos pelo projeto em 2020 que discutiram o tema em questão.

Descrevendo a experiência do sala de cinema UEFS na abordagem das relações étnico-raciais, do racismo e de suas ramificações em 2020

Para dar continuidade às nossas atividades acadêmicas, a exemplo do Sala de Cinema, foram necessários muita criatividade, planejamento e o uso das tecnologias a nossa disposição. A saída mais viável foi usar o recurso dos debates on-line via Google Meet e com toda uma preparação antecipada para o público participante assistir ao filme, ler o texto recomendado, e participar do debate propriamente dito na data marcada. Se, por um lado, muitas foram as restrições impostas pelo distanciamento social, por outro, houve alguns ganhos, pois a divulgação dos eventos nas redes sociais conseguiu agregar participantes de diferentes localidades do Brasil. Optamos em organizar as informações não por datas, mas justamente agrupando-as com base nos seguintes subtemas: racismo e violência; gênero e sexualidades; e relações etárias.

Relações étnico-raciais, racismo e violência no audiovisual

Dentro deste subtema, três filmes fizeram parte da programação do Sala de Cinema: *Nós* (EUA, 2019), longa-metragem de ficção dirigido por Jordan Peele, cujo debate ocorreu no dia 9 de outubro de 2020; *Raça e redenção* (EUA, 2019), longa-metragem de ficção dirigido por Robin Bissell, cujo debate foi no dia 25 de setembro; e *O caso do homem errado* (BRA, 2018), documentário de longa-metragem dirigido por Camila de Moraes, filme escolhido para o debate do dia 4 de setembro.

No filme *Nós*, a trama se debruça sobre uma família de pessoas negras, o casal Adelaide e Gabe e seus dois filhos, que viaja para passar um fim de semana na praia e descansar. Entretanto, o conflito se instaura quando um grupo misterioso aparece, fazendo a família refém de seres com aparências iguais às suas. A discussão do filme foi alicerçada pelo conceito de “extimidade”, neologismo com que o psicanalista francês Jacques Lacan, no Seminário 7 sobre A Ética da Psicanálise, nomeia essa exterioridade íntima, esse estranho familiar, já descrito por Sigmund Freud em seu texto “O inquietante” (“Das Unheimliche”), de 1919. Em 1985, Jacques-Alain Miller retoma essa palavra inventada por Lacan em um curso, para no capítulo 3 referir-se ao racismo “como ódio ao gozo do Outro, enfatizando que só existem raças como discursos” (MILLER, 2010). O ódio, a segregação e, conseqüentemente, o racismo, são entendidos a partir da psicanálise “como um real insuportável em si mesmo, e que é percebido como exterior, quando na verdade é algo que toca o mais íntimo de cada um” (MILLER, 2010).

O convidado deste cine debate foi o Professor Dr. Cleyton Andrade, psicólogo e psicanalista, professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAL. Durante a conversação, a temática da segregação foi retomada, a partir dos comentários, referenciados na psicanálise, para pensar o que faz com que a diferença seja odiada na relação com o Outro, a especificidade da racialização do corpo negro, a partir do processo de colonização europeu do continente africano, e do comércio que se estabeleceu a partir de então de pessoas negras para outros lugares, como o Brasil. A racialização atende a um projeto de dominação produzindo o discurso da inferioridade, para justificar o projeto colonizador. A partir daí, todo processo de subjetivação estará marcado pelo que desqualifica a cultura, a linguagem, o modo de vida daqueles que não correspondem ao ideário branco eurocêntrico. O ódio ao gozo do Outro, prenunciado por Lacan (1993), ao discorrer sobre a segregação que resultaria do projeto de unificação europeia, está relacionado a fronteiras discursivas do que esta pode ou não participar da prosperidade do projeto do mercado comum europeu. As ex-colônias, uma vez à margem, retornaram nas migrações e nos conflitos e barreiras, confirmando que a unificação acentuaria a segregação antecipada na análise do psicanalista francês. Frantz Fanon, em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), indica o racismo negro como um processo internalizado e reproduzido socialmente, inclusive por pessoas negras, que subjetivaram os valores e ideais da civilização branca como horizonte de sua própria emancipação. Ressaltando, entretanto, que nenhuma das

realizações sociais como estudos, sucesso profissional ou riqueza eliminam, apesar de poderem minimizar os efeitos, do racismo e dos discursos que reproduzem a segregação. No filme, a pretexto de expor o racismo, o diretor apresenta um interesse perverso por qualidades dos corpos/ sujeitos negros, para uma sobrevida de brancos idosos, através de experimentos neurocirúrgicos. Uma ficção metafórica para uma relação conflitante e atual de submissão e serviço ao que permanece hegemônico no campo das relações discursivas de poder, que retornam sobre os corpos negros como o real do genocídio e da necropolítica.

Já *Raça e redenção*, produção ambientada nos Estados Unidos dos anos 1970, trata de questões relacionadas à integração de discentes negros nas redes de ensino. Ann Atwater é um ativista e líder dos direitos civis, que se empenha para que uma escola de estudantes negros seja reaberta, após ter sofrido incêndio. Para isso, enfrenta a população (em sua maioria branca) da cidade de Durham, na Carolina do Norte, e o grupo extremista, o Ku Klux Klan. Baseado em fatos reais, o filme mostra a luta dos negros contra a violência e por direito à educação. As convidadas deste dia foram as professoras Adriane Carneiro de Almeida, pedagoga, especialista em Gênero e Diversidade na Escola, especialista em Alfabetização e Letramento e mestranda em Educação, que atua na rede municipal da cidade de Alagoinhas, Bahia e Mônica da Costa Cintra, graduada em Letras Vernáculas (UEFS), especialista em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF) e docente da Faculdade Eugênio Gomes (FAEG).

O terceiro filme que encerra essa subseção é o documentário brasileiro *O caso do homem errado*, cuja

narrativa revisita o episódio de violência policial sofrida por Júlio César de Melo Pinto, operário negro que foi executado pela Polícia Militar em Porto Alegre, nos anos 1980. Através de depoimentos recolhidos de pessoas que vivenciaram o acontecimento, como o de Ronaldo Bernardi, fotógrafo que fez as imagens que tornaram o caso conhecido, e o da viúva do operário, Juçara Pinto, o filme também inclui falas de nomes respeitados da luta pelos direitos humanos e do movimento negro no Brasil. A escolha por esse filme foi no intuito de abordar e refletir sobre as diversas formas pelas quais os corpos negros foram e ainda são tratados pela sociedade brasileira, assim como para ressaltar que vidas negras importam e reivindicar o direito à existência desses sujeitos. Segundo o último Atlas da Violência, divulgado em 2018 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (IPEA, 2021), a taxa de homicídios entre pessoas negras cresceu mais de 23% entre 2006 e 2016, enquanto os assassinatos de pessoas não negras diminuíram 6,8%. Em uma época como a tal, incentivada pelo “faça justiça com as próprias mãos”, “tenha a sua arma para sua defesa”, “um PM de arma em punho é como um artilheiro em frente ao gol” (referindo-se à fala do governador da Bahia, Rui Costa, incentivando ações violentas da Polícia Militar contra pessoas negras), o perigo de casos como este serem cada vez mais recorrentes amplia-se assustadoramente. Como afirma o filósofo francês Michel Foucault (2002, p. 306), “o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém. (...) A função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione, no modo do biopoder, pelo racismo”. Historicamente, dentro do contexto

da escravização no Brasil, a necessidade de manter vantagens econômicas e psicossociais e a dominação de sujeitos escravizados levaram os brancos defensores da violência colonial a recorrer não apenas à força bruta, mas a outros mecanismos, como os de controle das mentalidades, muito evidentes após o fim do processo de escravização institucionalizado, com as teorias raciais do século XIX que serviram para defender e demarcar os lugares de supremacia da população branca e de subalternidade da população negra. O determinismo racial, ainda cristalizado no imaginário social brasileiro, e que ainda hoje orienta, por exemplo, as ações da polícia, está estruturado, principalmente, a partir das seguintes máximas: de que as características fenotípicas (a cor, o tamanho do cérebro, o tipo de cabelo) podem concluir aspectos morais de diferentes sujeitos; e de que os sujeitos nada mais são do que o resultado da soma do seu grupo étnico-cultural (SCHWARCZ, 1993, p. 169). Dessa maneira, se um indivíduo apresentasse algum desvio moral, todo o grupo teria a mesma probabilidade de cometer o mesmo delito, assim era necessário combater não só o indivíduo, e então toda a comunidade se tornaria alvo, argumento utilizado para o genocídio da população negra em tempos atuais.

Por isso, o importante trabalho investigativo do documentário e a maneira como entrelaça os fatos narrados tornam este filme extremamente necessário para a reflexão crítica. O convidado deste cine debate foi o Professor Dr. Alex França, graduado em Letras Vernáculas (UFBA), especialista em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena pela Faculdade de Ciências Educacionais, Mestre e Doutor em Letras pelo Programa de

Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA), professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), curador e crítico de cinema.

Relações étnico-raciais, gênero e sexualidades em tela

As recentes experiências de isolamento social geraram conflitos dos mais impactantes em mulheres, tanto transgêneras quanto cisgêneras, de todas as classes sociais, vítimas de violências dentro e fora de seus lares. Segundo dados do site Brasil de Fato (2021), só na Bahia foram 49 mortes em 2020. No que diz respeito às populações transexuais e travestis, o Estado ocupa o terceiro lugar em mortes. Esse quadro alarmante de violência reflete a um só tempo a associação de preconceitos estruturais de raça e gênero, que vulnerabiliza mulheres, em especial as mulheres negras e transexuais. Isso porque, considerando ser a Bahia o Estado com maior densidade de população não branca, o impacto sobre esta foi também muito significativo. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2021), esse crescimento é apontado pela vulnerabilidade econômica e falta de políticas públicas capazes de prover o mínimo para essa população.

Assim, a relação entre raça, classe e gênero foi fundamental ao processo de reflexão que se deu no conjunto das obras cinematográficas escolhidas, debatidas e descritas a seguir nesta segunda subseção, tanto os documentários e filmes de ficção, como os textos-base escolhidos, demarcando muito bem como essas hierarquias funcionam no sentido de gerar e aprofundar tensões que vulnerabiliza a população negra marcando seu universo

cultural e suas expectativas de futuro. Foi com essa perspectiva que iniciamos essas reflexões com a exibição do documentário *Mulheres da Pá Virada*, produzido e dirigido por Adriana Albert, Chistine Zonzon e Joana Marcel, todas membros do Coletivo Feminista Marias Filipas. Com duração de 44 minutos, o média-metragem relata as experiências das mulheres negras capoeiristas que sofreram diversos tipos de restrições e agressões nas rodas de capoeira baiana. Através da trajetória das capoeiristas, o filme narra, pelo depoimento delas, o quanto o ambiente da capoeira é perpassado por atitudes machistas e misóginas. Além disso, o fato de serem mulheres negras não produz por parte dos homens negros solidariedades raciais, uma vez que a capoeira, concebida como uma prática de força e de construção da virilidade masculina, a presença das mulheres é sempre percebida de forma contraditória e com suspeição que gera hierarquização no uso dos instrumentos e o emprego de força excessiva que, muitas vezes, produziram lesões nas praticantes femininas.

O debate interseccional trazido pelo documentário mostra-se fundamental para evidenciar as clivagens nas quais homens e mulheres negros estão inseridos. De acordo com a historiadora Verena Stolcke,

a desigualdade de gênero na sociedade de classe resulta de uma tendência historicamente específica a 'naturalizar' ideologicamente desigualdades socioeconômicas prevaletentes. (...) Essa 'naturalização' é um subterfúgio ideológico destinado a conciliar o irreconciliável, ou seja, o difundido *ethos* (ilusão) de igualdade de oportunidade para todos os seres humanos, nascidos livres e iguais, com a existência real de desigualdades socioeconômicas". A naturalização ideológica das desigualdades desempenha, portanto, um "papel fundamental na reprodução da sociedade de classe (STOLCKE, 1991, p. 103).

Nesse sentido, ainda que as experiências desses homens negros sejam igualmente marcadas pelas opressões de classe, raça e gênero, com relação a outros homens em posição social vista como superior, vemos que nos espaços construídos social e historicamente como masculinos, a misoginia prevalece e as formas de violências de gênero são acionadas buscando demarcar o poder do macho nas múltiplas formas de violências simbólicas ou concretas sobre as mulheres que ousam quebrar regras, adentrando como mestras e aprendizes nas rodas de capoeira.

No cine debate promovido no dia 12 de junho, no intuito de discutir a solidão da mulher negra, foi escolhido o filme *Maíra está bem* (2017), documentário dirigido por Juliana Lima, que reúne relatos de mulheres que decidiram lutar contra o cruel cotidiano social imposto pelo racismo e pelo machismo, e na conquista de suas independências. Por isso, são depoimentos carregados de sentimentos causados pela exclusão e pelo preconceito. Elas têm em comum o fato de não terem parceiros afetivos fixos. O evento teve como convidada a ilustradora, muralista e tatuadora Ianah Maia, formada em Artes Visuais pelo Centro Universitário AESO, em Olinda-PE, militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco e estudante de Agroecologia do SERTA-PE. As discussões sobre esse tema têm sido recorrentemente realizadas por antropólogas e historiadoras, e as conclusões a que chegam têm como ponto em comum a superposição de hierarquias, serem mulheres e negras, assim como os processos de objetificação do corpo negro que remontam ao período escravista. Essa objetificação marcará a trajetória dessas mulheres, pois se convencionou que negras (pretas e

pardas) são para o sexo e as brancas (brancas e/ou branqueadas) para o casamento.

Sobre as situações de casamento vivenciadas no Brasil, é possível observar que os homens costumam ser incorporados pelas famílias das mulheres, assim como, quando os homens se casam com mulheres negras eles enegrecem com elas, já quando se casam com mulheres brancas eles embranquecem com elas. Assim, em suas rotas ascensionais, os homens negros, ao preterirem as mulheres negras, solidificam o processo da exclusão delas do mercado matrimonial. Se levarmos em conta o quanto a sociedade patriarcal determinou o mundo do privado e o casamento como o local por excelência para a plena satisfação social feminina, o lócus de seu reconhecimento social, essas normas invisibilizaram e controlaram especialmente as mulheres negras, marginalizando-as sobremaneira na sociedade brasileira. A vivência da solidão e o encontro de estratégias para superar e transformar essa face perversa do preconceito racial sobre as mulheres negras surgem no documentário como momento pungente, demonstrando o quanto as hierarquias raciais associadas ao gênero incidem ainda mais fortemente sobre as mulheres.

Dentro da Mostra (Sobre)vivências negras - Sociabilidades Negras: sexualidade e exclusão, no dia 20 de novembro, foi escolhido o documentário *Bicha Preta* (2018), dirigido por Thiago Rocha, que apresenta uma reflexão sobre o processo de marginalização da negritude, especificamente em relação a sujeitos homossexuais e transexuais, e contribui relatando a diversidade de expressões e lutas dentro de um mesmo movimento. Em um país particularmente violento com a população

LGBTQIA+, como o Brasil, o documentário torna-se uma referência histórico-crítica necessária, além de sensível, instigante e educativo, ao narrar o cotidiano de três jovens adolescentes negros do Rio de Janeiro, moradores de bairros pobres. No filme, eles relatam seu processo de autoconhecimento, a descoberta da sexualidade e a tomada de consciência das muitas dificuldades na família, na escola e para conseguir trabalho, ou seja, sobre a dor e a delícia de ser uma “bicha preta”.

O debatedor convidado neste dia foi Deivide Souza de Jesus, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bacharel em Humanidades pela mesma universidade e integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCus), do IHAC/UFBA, onde desenvolve pesquisa na área dos estudos de sexualidade, gênero, corpo e raça – com ênfase nos estudos *queer* e ativismo.

Na sequência, finalizando a Mostra (Sobre)vivências negras - Sociabilidades Negras: sexualidade e exclusão, no dia 27 de novembro, foi escolhido o filme *Café com Canela* (Brasil, 2017), direção de Ary Rosa e Glenda Nicácio. A trama narra a história de Margarida, que vive na cidade de São Félix, região do Recôncavo da Bahia, isolada pela dor da perda do filho. Do outro lado do rio, vive a personagem Violeta, na cidade de Cachoeira, dividida entre as adversidades do dia a dia e os traumas do passado. Quando as duas se reencontram, inicia-se um processo de transformação, marcado por visitas regadas a conversas afetuosas, recordações e xícaras de café com canela, capazes de despertar novos amigos e antigos amores. A

convidada para o debate deste dia foi a Professora Dra. Iris Verena Santos de Oliveira, Mestre em História Social (UFC), Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA), Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED-UERJ) e docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XIV (Conceição do Coité).

Para encerrar esta subseção, relatamos o cine debate realizado no dia 18 de setembro de 2020, cujo filme escolhido foi o curta-metragem moçambicano *Phatyma* (Moçambique, 2010), dirigido pelo cineasta brasileiro Luiz Chaves. O filme tem como protagonista Phatyma, uma menina africana que vive no sul de Moçambique e traz inquietações acerca das conquistas e mudanças na cultura tradicional do seu país. Ela, por exemplo, questiona as tradições, tensionando-as com a cultura do colonizador. A narrativa também apresenta uma nova perspectiva para se pensar o olhar eurocêntrico que ainda prevalece sobre a representação das mulheres africanas. A convidada foi a Professora. Marcia Costa, Mestre em Estudos Literários, com ênfase em Literatura preta moçambicana (UEFS).

Relações étnico-raciais e etárias no curta-metragem negro-brasileiro

Esta última subseção inclui filmes e cine debates que articularam as relações étnico-raciais e relações etárias, ou seja, que refletem sobre o impacto do racismo em diferentes grupos etários, no caso, crianças e idosos. Foram três filmes (ou conjunto de filmes) agrupados aqui: o curta-metragem *Cores e Botas* (Brasil, 2010), dirigido por Juliana Vicente, cujo debate ocorreu no dia 11 de setembro

de 2020; *A piscina de Caíque* (Brasil, 2017), dirigido por Raphael Gustavo da Silva, *Dara – Primeira vez que fui ao céu* (Brasil, 2017), dirigido por Renato Candido de Lima, e *Coração do mar* (Brasil, 2018), direção de Rafael Nascimento, todos esses últimos discutidos no mesmo dia, 6 de novembro, dentro da programação da Mostra (Sobre)vivências negras, no intuito de debater o tema infâncias negras. Já para debater a relação entre negritude e velhice, foi escolhido o filme *O dia de Jerusa* (Brasil, 2014), dirigido por Viviane Ferreira, cujo debate ocorreu no dia 13 de novembro. Vale ressaltar que o último filme citado na subseção anterior, *Phatyma*, também explora as relações entre negritude e infância, mas pelo enfoque maior na questão de gênero, optou-se por incluí-lo lá.

Cores e Botas narra a história de Joana, uma menina que tem um sonho de ser paqueta. Porém, Joana é negra e percebe que não existe paqueta parecida com ela no programa da Xuxa. A convidada para o debate foi a Professora Eliane Costa, pesquisadora negra, Mestranda em História Regional e Local pela UNEB, que integra a linha de pesquisa Estudos sobre trajetórias de populações afro-brasileiras, e se dedica aos estudos sobre Lucas da Feira, negritude e racismo.

A piscina de Caíque narra a história do garoto Caíque, que sonha em ter uma piscina em sua casa, mas na falta dela se diverte com seu amigo inseparável escorregando no chão molhado e ensaboado da área de serviço. Entretanto, por causa do desperdício de água, ele acabou sendo repreendido pela mãe. Em *Dara – Primeira vez que fui ao céu*, a protagonista, uma garota negra de 10 anos, da região rural de Nova Soure/BA ainda nos anos 1960, na véspera de

migrar para São Paulo, deseja que seu avô monte um balanço no cajueiro do sítio onde mora com os avós e seu irmãozinho. Entretanto, o sítio foi vendido e a família estava de partida para São Paulo. *Coração do mar*, por sua vez, destaca a história de Cadu, garoto de 10 anos de idade, filho de Teresa, que quer conhecer o mar, mas está cercado pela violência da região metropolitana da cidade onde mora.

A convidada para este debate foi a Professora Ma. Carla Cristina dos Santos de Jesus, pedagoga, especialista em Estudos Étnicos e Raciais (IFBA), em Gênero e Sexualidade na Educação (UFBA) e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFBA) e Mestra em Educação e Contemporaneidade (UNEB/PPGEduc), que atua como professora e coordenadora pedagógica na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Salvador (SMED). Na área de Educação, ela investiga principalmente os seguintes temas: reeducação das relações étnico-raciais e de gênero, mulheres negras na docência, ações afirmativas, educação infantil, enfrentamento a violência contra a mulher, história de vida e trajetórias de formação.

Para encerrar essa subseção, *O dia de Jerusa*, que aborda o encontro de duas mulheres negras de faixas etárias bem distintas, Silvia, uma jovem que trabalha com pesquisa de público para uma marca de sabão em pó, e Jerusa, uma senhora idosa que vive sozinha no bairro de Bixiga, em São Paulo. Ao bater na porta da casa de Jerusa para realizar sua pesquisa, Silvia é surpreendida com respostas nada convencionais da idosa, e o diálogo entre elas a leva a compreender a vida de outra maneira, menos rápida e menos quantitativa. O filme tem como uma das protagonistas, justamente uma mulher negra idosa, como

as “griôs”, que são consideradas mulheres mais velhas, sábias, em sua maioria negras, e que se reconhecem e são reconhecidas por serem detentoras de um saber-fazer que remonta à herança africana. Segundo Angélica Almeida (2021), existe nessas mulheres

algo de místico e mágico, mas também de poder e político, que faz com que elas sejam legítimas ao ponto de mudar a forma de pensar e de agir do povo escravizado que veio para o Brasil em navios negreiros e tem um papel fundamental na construção e manutenção dos saberes tradicionais dos povos negros brasileiros em diáspora. Progenitoras, líderes, rezadeiras, cozinheiras, sambistas, quituteiras, quitandeiras, organizadas, conscientizadas, mães de santo, estas mulheres manipulam tantos códigos que chegam a concorrer com outras formas de organização. Outrora, eram o grande esteio da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia: eram elas as chefas de famílias extensas e muitas frentes familiares se formavam a partir do crivo delas (ALMEIDA, 2021).

Nesse sentido, ao trazer esse filme em um ambiente que tem o intuito pedagógico de construir caminhos de saberes que se distanciam dos moldes europeus e coloniais de conhecimento, esse cine debate mostrou-se muito produtivo, visto que foi possível conversar sobre a importância da manutenção da memória a partir do olhar de uma mulher negra idosa, que ocupa uma posição social específica, e de grande vulnerabilidade, pela solidão inerente à sua realidade, como é a de Jerusa no curta metragem, que quase passa o dia do seu aniversário sozinha, mas é necessário também para pensar sua potência, nas cantigas passadas, cuidados gestuais e cultura viva em seu modo de existir.

Além disso, o filme permite refletir sobre a condição da pessoa idosa no Brasil relacionada à identidade étnico-racial, apresentando diferentes vivências de pessoas

negras idosas, além de Jerusa, como um casal de idosos negros que vivem em situação de rua, e um outro idoso, que trabalha como catador de material reciclável. De acordo com o último Relatório Anual das Desigualdades Sociais, do Núcleo de Estudos de População, da Unicamp, publicado em 2011, a expectativa de vida entre pessoas negras no Brasil é de 67 anos, menor que a de pessoas brancas, que vivem em média 73 anos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somente 7,9% das pessoas com mais de 60 anos no país são consideradas pretas (SISTEMA FIEP, 2021). Já pardos representam 35,3% e brancos 55,1%, os dados também indicam que em cenários desfavoráveis a boas condições de saúde e educação, as pessoas negras são maioria. A porcentagem de pessoas negras em situação de pobreza e extrema pobreza dobrou nos últimos cinco anos. Já a taxa de brancos na mesma realidade manteve-se inalterada (SISTEMA FIEP, 2021). A situação econômica em que essa população se encontra está atrelada a um conjunto de fatores, como falta de acesso a saneamento básico, alimentação adequada e cuidados hospitalares, que conseqüentemente resultam na redução da expectativa de vida e o surgimento de mais transtornos, como abandono e solidão, para quem, contrariando as adversidades, chega à fase idosa. A convidada deste encontro foi a Professora Dra. Fátima Bertini, psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), que atua como docente do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Instituto de Humanidades. Ela investiga o tema

da gerontologia, com significativos estudos e publicações em revistas acadêmicas.

Considerações Finais

A antiga reivindicação por representatividade étnico-racial, que se prolonga nos tempos atuais, também passa pelo debate da imagem. Sendo o cinema uma vertente artística que contribui para a formulação de imaginários e consequente reprodução de violências, visto que associa sujeitos reais a imagens construídas com propósitos específicos de um privilegiado grupo étnico e social, histórica e ideologicamente detentor da hegemonia da imagem, faz-se essencial questionar a função do cinema na realidade social, bem como pensar formas de utilizá-lo para redução de desigualdades e reparação histórica, em um caminho a favor de saberes contra hegemônicos.

Por isso, a luta contra os estereótipos imagéticos de pessoas negras e de suas culturas exige atenção e investimento em modelos educacionais que se baseiam na superação do racismo e que busquem alternativas que ressignifiquem a importância desses povos. Abordagens que ampliem o discernimento na reivindicação da presença positiva e expressiva de sujeitos historicamente marginalizados em espaços, como as universidades brasileiras, através das políticas públicas, apontando para uma educação antirracista, inclusiva e crítica, e para a urgência da reconstrução da imagem afirmativa desses sujeitos, assim como reconhecimento e valorização de suas histórias e memórias, já que “conhecer as origens é

fundamental para a ampliação da consciência social e histórica de uma nação” (OLIVEIRA, 2014).

No intuito de ampliar as ações de formação, publicação de textos, organização de seminários e cine debates que articulem o cinema, com os estudos culturais e a educação, possibilitando o diálogo com diferentes áreas do conhecimento, foi criado o Sala de Cinema UEFS, que entende a função do cinema como estratégia para desarmar as estratégias de desqualificação epistêmica e de negação ontológica implantadas pela colonialidade. A importância dos muitos debates que ocorreram ao longo do ano de 2020, promovidos pelo projeto de extensão, em um contexto de pandemia mundial de Covid-19 e de intensificação dos conflitos e reflexões sobre as relações étnicos raciais no Brasil e suas convergências com identidades de gênero e sexualidades, sociais e etárias, sucintamente descritos neste relato, foi mostrar o quanto as hierarquias de raça e gênero, manifestadas pelo racismo, machismo e misoginia produzem mecanismos de violência e exclusão social, atestando a pertinência do debate para as relações étnicos raciais, em convergência dos identidades de gênero e sexualidades, sociais e etárias, como forma de produzir uma crítica contundente acerca dessas estruturas de dominação, além de promover ações efetivas de rompimento delas.

Referências

ALMEIDA, ANGÉLICA FERRAREZ DE. **A TRADIÇÃO DAS TIAS PRETAS NA ZONA PORTUÁRIA**: POR UMA QUESTÃO DE MEMÓRIA, ESPAÇO E PATRIMÔNIO.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.MAXWELL.VRAC.PUC-RIO.BR/23475/23475.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23475/23475.pdf). ACESSO: 23 MAIO 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://ANTRABRASIL.ORG/NOTICIAS/](https://antrabrasil.org/noticias/). ACESSO: 23 MAIO 2021.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2018. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.IPEA.GOV.BR/PORTAL/INDEX.PHP?OPTION=COM_CONTENT&VIEW=ARTICLE&ID=33410&ITEMID=432](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432). ACESSO: 23 MAIO 2021.

OLIVEIRA, SHEILA. UMA MULHER É MORTA A CADA NOVE HORAS DURANTE A PANDEMIA NO BRASIL. **BRASIL DE FATO**, 10 OUT. 2020. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.BRASILDEFATO.COM.BR/2020/10/10/UMA-MULHER-E-MORTA-A-CADA-NOVE-HORAS-DURANTE-A-PANDEMIA-NO-BRASIL](https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/uma-mulher-e-morta-a-cada-nove-horas-durante-a-pandemia-no-brasil). ACESSO 22 MAR. 2021.

FANON, FRANTZ. **PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS**. SÃO PAULO: UBU, 2020.

FOUCAULT, MICHEL. "AULA DE 17 DE MARÇO DE 1976". *In*: _____. **EM DEFESA DA SOCIEDADE**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2005.

GOES, EMANUELLE F.; RAMOS, DANDARA O.; FERREIRA, ANDREA J. F. DESIGUALDADES RACIAIS EM SAÚDE E A PANDEMIA DA COVID-19. **TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE**, RIO DE JANEIRO, v. 18, n. 3, 2020. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://PERIODICOS.FIOCruz.BR/PT-BR/PUBLICACAO/10891431](https://periodicos.fiocruz.br/pt-br/publicacao/10891431). ACESSO: 23 MAIO 2021.

LACAN, J. A. **TELEVISÃO**. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1993.

MARTIN, MARCEL. **A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA**. TRADUÇÃO DE LAURO ANTONIO. LISBOA: DINALIVRO, 2005.

MILLER, JACQUES ALAIN. **EXTIMIDAD**. BUENOS AIRES: PAIDÓS, 2010.

OLIVEIRA, KEILA SOUZA DE; RIBEIRO, CÂNDIDA CESPEDES. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM POSITIVA DO NEGRO: O CINEMA NEGRO COMO FERRAMENTA DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03. DISPONÍVEL EM:

[HTTP://EVENTOSACADEMICOS.UFMT.BR/INDEX.PHP/SEMINARIOICHS/SEMINARIOICHS2014/PAPER/VIEW/1180/345](http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/view/1180/345). ACESSO: 23 MAIO 2021.

SISTEMA FIEP. DESIGUALDADE RACIAL IMPACTA NO ENVELHECIMENTO DE NEGROS, 22 NOV. 2018. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://LONGEVIDADE.IND.BR/NOTICIA/E-PRECISO-MAIS-PRODUTIVIDADE-PARA-SU-PORTAR-O-ENVELHECIMENTO/](http://longevidade.ind.br/noticia/e-preciso-mais-productividade-para-su-portar-o-envelhecimento/). ACESSO: 23 MAIO 2021.

STOLCKE, VERENA. "SEXO ESTÁ PARA GÊNERO ASSIM COMO RAÇA PARA ETNICIDADE?". *IN*: **ESTUDOS AFRO-ASIATICOS**, n. 20, 1991.

SCHWARCZ, LILIA. K. MORITZ. **O ESPETÁCULO DAS RAÇAS: CIENTISTAS, INSTITUIÇÕES E QUESTÃO RACIAL NO BRASIL: 1870-1930**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1993.

TAVARES, MIRIAN. CINEMA AFRICANO: UM POSSÍVEL, E NECESSÁRIO, OLHAR. **REVISTA UNIVERSITÁRIA DO AUDIOVISUAL**. DISPONÍVEL EM:
[WWW.UFSCAR.BR/RUA/SITE/?P=6331](http://www.ufscar.br/rua/site/?p=6331). ACESSO: 22 MAIO 2021.